

PARTE 1

O TEXTO NARRATIVO – ANALISANDO OS GÊNEROS

Em nossas aulas, desde o começo do ano, conhecemos novos gêneros narrativos.

01- Explique, com suas palavras, o que é um texto narrativo e quais são os elementos essenciais para sua construção.

R.: _____

02- Leia o texto a seguir.

NEGÓCIO DE MENINO COM MENINA

Ivan Ângelo

O menino, de uns dez, onze anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina, de uns nove anos, dez anos, ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e disse ao pai:

— Olha que lindo! Compra pra mim?

— O homem parou o carro e chamou:

— Ô menino.

O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou ao lado da janela da menina. O homem:

— Esse passarinho é pra vender?

— Não, senhor.

O pai olhou para a filha com cara de deixa pra lá. A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:

— Fala pra ele vender.

O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário:

— Quanto você quer pelo passarinho?

— Não *tu* vendendo não senhor.

A menina ficou decepcionada e segredou:

— Ah, pai, compra.

Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem de negócios, águia da Bolsa de Valores, acostumado a encorajar os mais hesitantes ou a virar a cabeça dos mais recalcitrantes:

— Dou cinquenta reais.

— Não senhor.

— Cem.

— Vendo não.

O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.

— Cento e cinquenta reais.

— Não estou vendendo, não, senhor.

O homem resmungou "que menino chato" e falou para a filha:

— Ele não quer vender. Paciência.

A filha, baixinho, indiferente às impossibilidades de transação:

— Mas eu queria. Olha que bonitinho.

O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga, o rosto vermelho de sol.

— Deixa comigo.

Levantou-se, deu a volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas gretas da gaiola.

O homem, maneiro, estudando o adversário:

— Qual o nome deste passarinho?

— Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.

O homem, quase impaciente:

— Não perguntei se ele é batizado ou não, menino. É pintassilgo, é sabiá, é o quê?

— Aaaah. É bico-de-lacre.

A menina, pela primeira vez, falou com o menino:

— Ele vai crescer?

O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis.

— Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.

O homem:

— E canta?

— Canta nada. Só faz chiar assim.

— Passarinho besta, hein?

— É. Não presta *pra* nada, é só bonito.

— Você pegou ele dentro da fazenda?

— É. Aí no mato.

— Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.

O menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão:

— Dou duzentos reais, pronto. Toma aqui.

— Não senhor, muito obrigado.

O homem veio mandão:

— Vende isso logo, menino. Não *tá* vendo que é *pra* menina?

— Não, não *tou* vendendo, não.

— Trezentos reais! Toma aqui! — e puxou a gaiola.

Com trezentos reais se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha.

O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula:

— Quero não senhor. *Tou* vendendo não.

— Não vende por que, hein? Por quê?

O menino acuado, tentando explicar:

— É que eu demorei a manhã todinha *pra* pegar ele e *tou* com fome e com sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar *pra* mamãe.

O homem voltou para o carro nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.

— Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. *Vam'bora*.

O menino chegou pertinho da menina e falou baixinho, para só ela ouvir:

— Amanhã eu dou ele *pra* você.

Ela sorriu e compreendeu.

Ivan Ângelo. *Pode me beijar se quiser*. São Paulo, Ática, 1997.

VOCABULÁRIO:

transação: operação de compra e venda

intermediário: pessoa que faz contato com outra para realizar um negócio.

recalcitrantes: resistente à mudanças e opiniões alheias

águia da Bolsa de Valores: um grande negociador.

hesitantes: indecisos

• Agora, identifique:

a) Narrador/Foco narrativo:

R.: _____

b) Personagens:

R.: _____

c) Tempo:

R.: _____

d) Espaço:

R.: _____

03- Resuma, em poucas palavras, o enredo da história.

R.: _____

04- Explique o que é um relato pessoal e cite duas características desse gênero textual.

R.: _____

05- Estudamos, em nossas aulas, os gêneros BIOGRAFIA e AUTOBIOGRAFIA. Desenvolva um parágrafo explicando as diferenças e as semelhanças entre esses textos.

R.: _____

PARTE 2

A MALA DE HANA: UMA HISTÓRIA REAL

06- Explique por que a parte do livro que conta a história de Hana é considerada uma biografia.

R.: _____

07- Explique por que a parte do livro em que são narradas as ações de Fumiko não pode ser considerada uma biografia.

R.: _____

PARTE 3

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

A história de Anne Frank é, inicialmente, a de uma garotinha comum, que poderia sentar-se a seu lado, na sala de aula. Ela tinha olhos grandes, expressivos e cabelos escuros e encaracolados. Era alegre e popular, sempre cercada de amigos.

Na maior parte do tempo, Anne sentia-se a pessoa mais feliz do mundo. Mas, às vezes, tinha medo. Havia uma boa razão para isso: naquela época, Adolf Hitler governava a Alemanha, e ele jurara eliminar os judeus.

Anne Frank era uma judia alemã.

Trecho 1

ANNE FRANK

Josephine Poole e Angela Barrett

Anne nasceu em Frankfurt, no dia 12 de junho de 1929. Desde aquele momento, parecia ter muitas coisas para dizer. Ela chorava muito! Quando sua irmã Margot espiava o berço, não conseguia parar de rir. Anne tinha um chumaço de cabelo escuro e suas orelhas eram pontudas como as de um duende.

A família de Anne era privilegiada. Eles tinham dinheiro. Seu pai tinha um emprego. Mas na Alemanha de então, a vida era uma batalha penosa para a maioria das pessoas.

As outras nações culpavam a Alemanha pela eclosão da Primeira Guerra Mundial, e o país precisava desembolsar elevadas quantias para compensar toda a destruição causada. Era um fardo duro. Dez anos após o final da guerra, a Alemanha estava desesperadamente pobre.

O número de desempregados era enorme. Muitas pessoas não tinham o suficiente para comer. E todos se lembravam de como a Alemanha tinha sido rica e poderosa no passado – uma das maiores nações do mundo. Por isso, os alemães sentiam-se cada vez mais descontentes e miseráveis. Eles queriam culpar alguém. Foi quando as coisas começaram a mudar, e de um modo assustador, para os judeus.

Havia um homem chamado Hitler – um homenzinho empertigado, de bigode – que falava muito e fazia grandes promessas. Multidões aglomeravam-se ao seu redor. Eram pessoas sem dinheiro e sem esperança. É claro que elas se entusiasmavam quando ele prometia tornar a Alemanha um país rico e forte de novo!

Hitler odiava os judeus e não se importava em inventar um monte de mentiras sobre eles. De quem era a culpa pelos problemas que a Alemanha passava? Hitler tinha a resposta. Ele acusava os judeus de pegar os melhores empregos, de tirar o pão da boca dos trabalhadores. Para ele isso não era justo, porque os alemães eram especiais – a melhor raça do mundo!

Cada vez mais e mais pessoas se juntavam para ouvi-lo, e para votar no partido nazista de Hitler. No início, não havia nenhuma ameaça. Não existia nada além de uma fagulha. Mas a fagulha tornou-se uma chama e essa chama converteu-se num incêndio que se alastraria por toda a Europa antes de ser extinto.

Havia muitas formas de fazer os judeus sentirem-se indesejáveis e amedrontados, até mesmo os mais novos.

Nas escolas, as crianças começaram a identificar os judeus. Algumas zombavam e até maltratavam seus colegas. Era muito doloroso para as crianças judias serem empurradas e xingadas por meninos e meninas que antes tinham sido seus amigos. Logo, eles tiveram de se sentar em um canto afastado na sala de aula.

O mundo dos adultos era pior. As pessoas paravam de falar com os vizinhos judeus. Seus estabelecimentos comerciais eram vandalizados. Os judeus eram importunados nas ruas e chegavam a ser surrados por jovens paramilitares que pertenciam à SA, uma temida tropa de choque a serviço de Hitler e dos nazistas. Se tentassem se defender, eram perseguidos, capturados e presos.

08- A família de Anne era considerada privilegiada, por quê?

R.: _____

09- As coisas começaram a mudar.

a) Escreva três motivos para essa mudança:

R.: _____

b) O que mudou na escola?

R.: _____

Trecho 2

No começo, os judeus ficaram perplexos com todo esse ódio. Depois, ficaram assustados. Muitos abandonaram a Alemanha. Preocupado com a família, o Sr. Frank encontrou trabalho na Holanda e um apartamento barato para todos, em Amsterdã.

Anne ficou com a avó durante a mudança. No oitavo aniversário de Margot, ela juntou-se à família de novo. Que surpresa! Lá estava a pequenina Anne, sentada como um gnomo no topo dos presentes de Margot!

No prédio onde a família Frank morava havia um jardim. As crianças do quarteirão brincavam ali nos dias de tempo bom, plantando bananeiras, escondendo-se atrás dos arbustos, andando de patins e pulando na calçada. Quando queriam chamar seus amigos, não batiam na porta ou tocavam a campainha. Elas assobiavam uma melodia especial. Anne era a única que não sabia assobiar e, portanto, tinha de cantar.

Numa manhã de inverno, Anne foi ao escritório de seu pai, onde conheceu Miep, a secretária dele. Ela ajudou a menina a tirar seu casaco branco de pele e lhe deu um copo de leite. Ela ensinou-a a bater à máquina. Anne era exatamente o tipo de garotinha esperta que Miep gostaria de ter como filha!

Miep nunca imaginaria que um dia a sobrevivência da família Frank estaria em suas mãos, mas ela se apegou a Anne imediatamente.

Anne e Margot estudavam em escolas diferentes. Foi uma boa solução porque Anne gostava de fazer travessuras na sala de aula, muito diferente de sua irmã estudiosa! Para Anne, nada era melhor do que contar piadas e fazer caretas, de modo que todos, até mesmo os professores, caíam na gargalhada.

As amigas gostavam de visitar as duas irmãs, pois a Sra. Frank preparava pratos deliciosos. Mas quando o Sr. Frank juntava-se ao grupo, era ele o astro! Ele sempre tinha uma história engraçada para contar, ou um jogo recém-inventado para ensinar. Todas as crianças o adoravam.

Mas ninguém conseguia esquecer a campanha de ódio de Hitler. Àquela altura, muitos judeus alemães tinham fugido para Amsterdã. Os Frank ouviam ansiosos suas histórias terríveis: relatos de agressões constantes e de campos de concentração onde os alemães prendiam as pessoas, fazendo-as trabalhar para eles.

10- Coloque (V) para as frases VERDADEIRAS e (F) para as FALSAS:

- () O Sr. Frank resolveu ir para Holanda na esperança de uma vida mais tranquila para a família.
- () Na Holanda, a vida ficou muito ruim para as meninas.
- () Todos gostavam de frequentar a casa da família de Anne porque eram ricos.
- () Mesmo fora da Alemanha, a família acompanhava as terríveis notícias sobre a perseguição aos judeus alemães.

Agora, o poderoso exército de Hitler estava em marcha. A Grã-Bretanha e a França haviam declarado guerra aos alemães, mas as tropas germânicas continuaram avançando. Em pouco tempo, os holandeses presenciavam, indefesos, a chegada dos soldados alemães marchando por Amsterdã.

Mais uma vez os judeus eram agredidos de forma cruel, e os holandeses logo aprenderam que era arriscado defendê-los.

Todos os judeus com mais de seis anos de idade foram forçados a usar uma grande estrela amarela com a palavra *Judeu* inscrita nela. Mesmo as crianças pequenas podiam ser proibidas de frequentar lugares públicos como parques, cinemas e piscinas.

Anne adorava ver filmes. Agora sua presença não era mais permitida nas salas de cinema. Ela teve de contentar-se com a coleção de fotos e cartões-postais de atrizes e atores famosos. Isso ninguém iria tirar dela!

Era tarde demais para fugir para outro país. E as coisas só poderiam piorar.

O Sr. Frank trabalhava num prédio alto, nas margens do canal. Alguns dos cômodos nos fundos do andar de cima estavam vazios. Pouco a pouco, com cuidado, secretamente, ele transportou mobília e mantimentos para esse anexo e providenciou um banheiro com a instalação de uma privada e uma pia. Se o pai de Anne ou seus corajosos ajudantes holandeses fossem descobertos, a punição teria sido muito dura.

Mas tudo correu bem. Agora ele estava pronto para enfrentar o problema, que logo se apresentaria.

11- A família Frank novamente estava ameaçada.

• Numere os fatos de acordo com a ordem do **trecho acima**:

- () Não havia mais possibilidade de fuga, era perigoso demais e tudo podia ficar pior!
- () Os judeus começaram a ser agredidos sem que ninguém pudesse defendê-los.
- () Sr. Frank preparou um esconderijo para sua família no prédio onde trabalhava.
- () Várias proibições e restrições foram impostas aos judeus, que usavam uma estrela amarela escrita "JUDEU".
- () Os soldados alemães chegaram a Amsterdã.

Trecho 3

Margot tinha dezesseis anos. Num dia de verão, em 1942, chegou uma carta, convocando-a para o trabalho obrigatório. Isso significava trabalhar para os alemães. Era provável que sua família não a visse nunca mais.

Eles tinham de desaparecer rapidamente. Os pais de Anne e Margot pediram que as duas separassem suas coisas mais queridas, aquelas que não pudessem ser abandonadas de jeito nenhum. Com o coração aos pulos, Anne enfiou numa bolsa seus bens mais valiosos – livros de escola, cartas, escova e bobes, mas, acima de tudo, o diário que ganhara em seu último aniversário. Ela espremeu tudo lá dentro com mãos trêmulas e desajeitadas.

Na manhã seguinte, bem cedo, ela vestiu com dificuldade várias meias-calças, coletes, dois pares de meia, um vestido, saia, casaco, capa de chuva, sapatos resistentes, um chapéu e um cachecol. Era o único modo de transportar suas roupas. Qualquer judeu carregando uma mala despertaria suspeita.

A família Frank abandonou o apartamento, deixando camas desfeitas, pratos sujos na pia e um endereço falso escrito num pedaço de papel, para enganar os vizinhos. Anne se despediu de Moortje, sua adorável gatinha. Ela chorou amargamente. Não sabia quando a veria de novo!

Miep esperava por eles no escritório do Sr. Frank. Rápida e silenciosamente eles a acompanharam por um longo corredor, iram uma escada de madeira e atravessaram uma porta cinzenta que dava para o anexo secreto.

Anne olhou em torno, atônita. Seu pai tinha organizado aquilo. Pensara em tudo e nunca dissera uma palavra! Mas que bagunça! Caixas e engradados, empilhados e amontoados. A Sra. Frank e Margot simplesmente desabaram camas diante daquela cena, exaustas por causa do pânico e da tensão. Então Anne e seu pai começaram a pôr ordem nas coisas.

Daquela manhã em diante, dia após dia, semana após semana, eles foram obrigados a permanecer escondidos. Sempre que tinha alguém no prédio, precisavam ficar muito quietos no anexo. Não podiam sequer abrir a torneira ou dar a descarga. Viviam sob o perigo constante de serem descobertos e denunciados à polícia. Como eles ansiavam pelas visitas de Miep, depois que os funcionários iam embora! Ela sempre chegava sorridente, com notícias do que estava ocorrendo, trazendo jornais e livros ara passar o tempo, além de algumas compras.

Ficar em silêncio o dia todo era quase insuportável para alguém como Anne!

O relógio da igreja vizinha a confortava. Ele repicava a cada quinze minutos, lembrando-lhe que havia um mundo lá fora, onde crianças iam para a escola, brincavam juntas e não viviam aterrorizadas com medo de serem vistas ou ouvidas.

Outro casal mudou-se para o anexo com seu filho, Peter. Agora eram sete pessoas escondidas no apertado esconderijo. Oito, quando acolheram mais um. Não era de se admirar que se irritassem uns com os outros.

Anne era a mais nova e foi quem mais sofreu. Era inteligente e criativa, inquieta e sensível. Crescer nunca teria sido fácil para ela. Achava que a responsabilizavam por tudo que dava errado no anexo, ao passo que ninguém criticava Margot. Anne amava o pai mais do que qualquer outra pessoa, mas mesmo ele às vezes a censurava e isso ela não podia suportar. Costumava chorar à noite, na cama.

Anne precisava desesperadamente encontrar uma pessoa com quem pudesse conversar, alguém que a compreendesse. Não podia ser Margot, nem Peter, que era preguiçoso e mimado. Ela não gostou dele nem um pouco, no início. Anne recorreu ao diário, seu diário de cartas para a "Querida Kitty", uma menina que conhecera anos antes. Ali, passou a registrar até mesmo os pensamentos mais íntimos, porque Kitty nunca os leria, por isso não havia razão para inventar. O diário era o seu segredo mais precioso.

Ela descreveu a vida no anexo, as discussões e os dramas. Falou de seu amor pela natureza, que para ela resumia-se a um trecho de céu e à copa do castanheiro que avistava da janela do sótão. Anne escreveu sobre o medo, o medo aterrorizador.

Seus sentimentos por Peter mudavam à medida que ela crescia. Anne começou a entender o rapaz. Assim que o carinho entre eles cresceu, ela passou a escrever sobre o amor e a esperança.

Quando completou o livrinho, Miep lhe trouxe mais papel.

Toda noite alguém descia sorrateiramente até o antigo escritório do Sr. Frank para ouvir o rádio. Às vezes, Anne ia até a janela e espiava pelas cortinas. Era estranho observar as pessoas na rua, como se ela usasse um manto mágico dos contos de fadas, que a tornava invisível. Todos andavam apressados, ansiosos, com roupas que pareciam muito surradas. A própria Anne vestia-se como um espantalho e não podia fazer nada a respeito!

A Alemanha estava perdendo a guerra. Quando anoitecia, esquadras de aviões de bombardeio cortavam o céu, em sua rota de ataque às cidades alemãs. A noite pulsava com o barulho sombrio das aeronaves. Se o anexo fosse bombardeado, todos lá dentro morreriam.

Mas agora Anne estava – quase – apaixonada por Peter. Ela ficava feliz só de sentar-se ao lado dele no sótão, sentindo o conforto de seus braços. Os dois conversavam sobre o que pretendiam fazer depois que a guerra chegasse ao fim. Às vezes, porém, ficavam sentados ali, sem falar nada, enquanto outro dia terminava e a luz lentamente desaparecia no céu. Era um amor tão doce e frágil quanto as flores do castanheiro do outro lado da janela.

12- Qual fato fez com que a família se refugiasse às pressas no anexo?

R.: _____

13- Por que Anne precisava de um diário?

R.: _____

Trecho 4

É provável que os moradores do anexo tivessem menos cuidadosos agora que o fim da guerra se aproximava. Pois alguém percebeu algo e os delatou.

Alguém reivindicou a recompensa suja que pagavam por cada judeu apanhado.

O pesadelo aconteceu.

Os golpes e as batidas da invasão. Botas na escada. Homens brutos de uniforme e armas em punho. Eles se viram encurralados. Não havia para onde correr, não havia onde se esconder...

E, então, o espaço súbito, a luz e o ar repentinos, chocantes para pessoas que se mantiveram confinadas por mais de dois anos.

Em 4 de agosto de 1944, os oito refugiados foram presos. O anexo sofreu uma batida policial e foi saqueado.

Quando Miep subiu ao andar superior naquela noite terrível, deparou-se com uma imensa desordem. O diário de Anne estava espalhado pelo chão. Miep o recolheu e o escondeu na esperança vã de que um dia a família retornasse.

14- O esconderijo fora descoberto!

- Sublinhe somente as frases verdadeiras:

a) A guerra acabou e eles se entregaram.

b) Alguém denunciou a existência dos judeus escondidos por causa da recompensa.

c) Além de presos, tiveram seus poucos pertences roubados, mas deixaram para trás o mais importante, o diário de Anne.

d) Miep publicou as páginas do caderninho de Anne e ficou rica.

GABARITO

Parte 1

01- O texto narrativo é aquele em que é contada, relatada, ou seja, narrada, um acontecimento ou uma sequência de acontecimentos, que podem ser reais ou fictícios. Para a construção desse tipo textual, é essencial a presença do narrador (observador ou personagem), de personagens, de tempo e de espaço (lugar).

02-

a) No texto, o narrador é observador. Sendo assim, o foco narrativo está na terceira pessoa.

b) Os personagens do texto são o menino, de uns dez, onze anos, a menina, de uns nove, dez anos e seu pai, novo dono da fazenda.

c) A história narrada no texto acontece na estrada de terra da fazenda.

d) No trecho "Sol forte de uma hora da tarde", é possível verificar que a história narrada se passou no início de uma tarde bastante ensolarada.

03- Uma menina indo, junto com seu pai, para uma nova fazenda comprada por ele. Quando passavam de carro por uma estrada de chão que levava à fazenda, a menina viu um menino com uma gaiola na mão. Ela, então, pediu ao pai que comprasse para ela o passarinho que o menino trazia consigo. O pai tentou fazer aquilo que a filha havia pedido, mas não obteve sucesso, pois o menino não quis vender o pássaro por valor algum, afinal tinha perdido toda a manhã para conseguir capturá-lo, e queria, ao menos, mostrá-lo a sua mãe. O pai da menina ficou muito irritado com a resistência do agora e resolveu ir embora, insultando-o. Mas, depois disso, houve uma surpresa: o menino disse à menina que, depois, ele daria a ela o passarinho como presente.

04- O relato é um gênero textual em que se conta um fato que ocorreu com o narrador ou com outra pessoa circunscrito a um intervalo específico e determinado de tempo. Também é comumente escrito com reflexões acerca das experiências vividas ou vivenciadas. Em outras palavras, geralmente, tais relatos devem nos servir para refletir sobre acontecimentos da vida e sobre o que aprendemos ao vivê-los.

As principais características desse gênero estão listadas a seguir.

- Por tratar-se de um texto narrativo, apresenta elementos típicos desse tipo de texto, tais como: narrador, personagens, tempo e espaço.
- Apresenta tempo e espaço limitados.
- Os verbos aparecem predominantemente no passado.
- O foco narrativo pode estar em 1ª pessoa (como é mais comum) ou em 3ª pessoa, ou seja, o narrador pode ser personagem ou observador.
- A linguagem costuma ser informal.

05- Ambos os textos, biografia e autobiografia, são textos narrativos, com todos os elementos essenciais: narrador, personagens, tempo e espaço. Na biografia, temos um narrador personagem (foco narrativo em 3ª pessoa) que conta a história da vida de alguém, respeitando, quase sempre, a ordem cronológica dos acontecimentos. Na autobiografia, também temos o relato biográfico da vida de uma pessoa, quase sempre em ordem cronológica. A grande diferença entre um gênero e outro é o fato de que, na autobiografia, o narrador é personagem (foco narrativo na 1ª pessoa), e conta a história de sua própria vida.

Parte 2

06- Nos capítulos do livro que se ocupam de contar a história de Hana, vivida durante a 2ª Guerra Mundial, temos um narrador personagem que conta a história da vida de alguém. Isso faz com que esse texto seja considerado uma biografia.

07- Nos capítulos que contam o trabalho de Fumiko e do grupo “Pequenas Asas” para descobrir mais informações sobre Hana e sobre a 2ª Guerra, percebemos que o objeto não é contar a história de toda a vida de Fumiko, mas sim relatar alguns episódios específicos, aqueles que a relacionam com Hana. Dessa forma, é possível concluir que não se trata de uma autobiografia, mas de um relato.

Parte 3

08- A família dela tinha dinheiro, porque seu pai tinha um emprego e, na Alemanha daquela época, a vida estava muito difícil para a maioria das pessoas.

09- a) 1- O número de desempregados era enorme. 2- Muitas pessoas não tinham o suficiente para comer. 3- Todos se lembravam de como a Alemanha tinha sido rica e poderosa no passado - uma das maiores nações do mundo. 4- Os alemães sentiam-se cada vez mais descontentes e miseráveis. 5- Eles queriam culpar alguém.

b) As crianças começaram a identificar os judeus e algumas zombavam e até maltratavam seus colegas. As crianças judias eram empurradas e xingadas por meninos e meninas que antes tinham sido seus amigos. E, assim, elas tiveram de se sentar em um canto afastado na sala de aula.

10- (V)
(F)
(F)
(V)

11- (4)
(2)
(5)
(3)
(1)

12- Margot, que já tinha dezesseis anos, foi convocada para o trabalho obrigatório. E isso significava trabalhar para os alemães. Provavelmente sua família não a veria nunca mais se fosse. Então eles resolveram precipitar a fuga para o refúgio.

13- Anne precisava desesperadamente encontrar uma pessoa com quem pudesse conversar, alguém que a compreendesse. Como não via em ninguém que morava no anexo a possibilidade de uma conversa sincera, Anne recorreu ao diário, seu diário de cartas para a “Querida Kitty”.

14- b) Alguém denunciou a existência dos judeus escondidos por causa da recompensa.

c) Além de presos, tiveram seus poucos pertences roubados, mas deixaram para trás o mais importante, o diário de Anne.